



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Estela Pereira dos Santos

Universidade Estadual de Maringá

orcid.org/0000-0002-1843-5999

psantosestela@gmail.com

Marisa Corrêa Silva

Universidade Estadual de Maringá

mcsilva5@uem.br

O Vendedor de Passados, de José Eduardo Agualusa: comercialização da memória e modos de recordação

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo de O vendedor de passados (2004), de José Eduardo Agualusa. Narrado por uma osga (lagartixa), a qual conta a história de Félix Ventura, homem que vende passados para quem deseja uma nova árvore genealógica, novas memórias e nova identidade. Foi investigado, especificamente, aquilo que Andreas Huyssen denomina como “comercialização da memória”, bem como os modos de recordação apresentados ao longo de todo o romance de Agualusa. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram fundamentais as discussões teóricas de Andreas Huyssen (2000); Aleida Asmann (2011); Lucas Esperança da Costa (2014) e Selligmann-Silva (2008). A conclusão traz uma discussão acerca da medida em que a narrativa apresenta formas de comercialização da memória não tradicionais, além de mostrar formas de recordar memórias de modo voluntário e involuntário, mediante, por exemplo, cicatrizes que um corpo pode carregar. Palavras-chave: O vendedor de passados; Comercialização da memória; Recordação.

INTRODUÇÃO



O escritor José Eduardo Agualusa nasceu em 1960, na cidade de Huambo, Angola. É descendente de família brasileira e portuguesa. cursou Agronomia e Silvicultura em Lisboa e, também nesse período, ficou conhecido como jornalista. Sua carreira literária foi iniciada somente na década de 1980, com a publicação do romance *A conjura* (1989). Publicou, ainda, os romances *Nação Crioula* (1997); *Um estranho em Goa* (2000) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2001), graças a uma bolsa de criação literária. Poucos anos depois, publicou o romance *O vendedor de passados* (2004), o qual venceu o prêmio The Independent (2007), no Reino Unido, na categoria Ficção estrangeira. Um romance que também tem dado bastante visibilidade ao escritor é *Teoria geral do esquecimento* (2012), que recebeu o Prêmio Fernando Namora (2013). Atualmente, José Eduardo Agualusa é autor de mais de vinte obras, dos mais variados gêneros literários. Além disso, suas obras foram publicadas em inúmeros países e em várias línguas.

A obra *O vendedor de passados* (2004), de Agualusa, é o foco deste estudo e, portanto, merece maior atenção. O romance é narrado por uma osga, isto é, por uma lagartixa. Ela apresenta a história de Félix Ventura, o negro albino que vende passados, com o qual divide a casa. Grosso modo, esse homem vende memórias ou um "novo passado" para aqueles que desejam um passado diferente e buscam uma nova identidade. A osga intercala a história de Félix com seus sonhos, flertando ao longo de todo o romance com memórias. Também há no romance diversos modos de recordação, como a escrita, a fotografia e as marcas no corpo.

Além da evidente comercialização da memória, feita por Félix Ventura e acompanhada pela osga, o romance metaficcionaliza a história e reconstrução de Angola, dando ênfase nas questões políticas e sociais do país, ressaltando também o apagamento da memória histórica. O romance flerta com diversas questões relacionadas ao estudo da memória nas suas mais distintas vertentes, no entanto, faz-se importante mencionar que um estudo acerca da ficcionalização da história de Angola, não é o recorte deste

artigo, mas, sim, a comercialização da memória.



Como vender passados? Félix Ventura constrói passados detalhadamente por meio de uma série de objetos, para que a nova versão do passado fique convincente e para aqueles que possam conviver e entrar em contato com os clientes do vendedor. Desse modo, a construção da memória tenta ser o mais verossímil possível para que passe a ser uma memória coletiva para a sociedade.

Para a construção de um passado verossímil, o comerciante de memórias faz pesquisas em seus livros, arquivos, fitas cassetes, jornais e revistas que guarda ao longo dos anos. Por intermédio da pesquisa, vai montando uma espécie de nova árvore genealógica para os seus clientes, bem como o que cada membro da família tem como característica central: qual é o seu trabalho, seus gostos, suas ocupações etc.

Em meio a divagações, sonhos e histórias, todas de fundo memorialístico, a osga, chamada Eulário, conta-nos sobre os clientes de Félix e seus passados e "novos passados", tais como: José Buchmann (ou Pedro Gouveia) e o Ministro. Além de contar as histórias da vida de Ângela Lúcia (mulher com quem Félix se relaciona) e de Edmundo Barata dos Reis, as quais estão entrelaçadas de certo modo com o passado de José Buchmann. Os passados comercializados e as memórias dos personagens do romance serão discutidas mais detalhadamente em seções a seguir.

Primeiramente, faz-se necessário uma apresentação do aporte teórico deste estudo, baseado no que Andreas Huyssen (2000) chama de "comercialização da memória". Em seguida, o modo como a venda das memórias se dá no romance, bem como o que isto acaba por gerar, estará disposto na seção "*O vendedor de passados: Félix, seus clientes e seus passados construídos*". E, por fim, os modos de recordação existentes no romance serão discutidos na seção "Modos de recordação: a memória da fotografia, do corpo e da escrita" deste estudo. Depois de postas e discutidas essas questões, caminharemos para as considerações finais e referências.

A COMERCIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA



Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia (2000), obra de Andreas Huyssen, professor de literatura comparada e germânica na Universidade de Columbia, é fundamental para um estudo acerca da comercialização da memória no romance *O vendedor de passados*, de Agualusa. Em seu livro, Huyssen pontua os passados presentes na mídia, na política, nos fenômenos culturais e artísticos. O pesquisador assevera que as sociedades ocidentais nos anos recentes têm tido emergência pela memória, o que marca uma preocupação, tanto cultural quanto política de volta ao passado: “Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX.” (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

A partir disso, Huyssen passa a tecer comentários e procura analisar diferentes discursos de memória, sobretudo no que diz respeito ao Holocausto e ao Muro de Berlim. Identifica também fenômenos associados às atuais práticas de memória nas últimas décadas do século XX, tais como: a musealização, a restauração de centros históricos e a comercialização de objetos e moda retrô.

Desde a década de 1970, pode-se observar, na Europa e nos Estados Unidos, a restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (que não mostra sinais de esgotamento), o *boom* das modas retrô e dos utensílios repô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão [...] (HUYSSSEN, 2000, p. 14).

Conforme a citação destacada, Huyssen relata que foi iniciado, nos anos 1970, uma espécie fenômeno denominado como “passado presente”. Nesse sentido, o passado tem sido vendido mais que o futuro, o que tem marcado de certo modo uma obsessão com a representação, repetição, replicação e com a cultura da cópia, com ou sem referência ao elemento ou objeto original.



O que é de suma importância para o estudo proposto neste artigo é o que Andreas Huyssen chama de uma cultura baseada na "comercialização da memória" (HUYSSSEN, 2000, p. 15), a qual ele denomina como sendo, em grande parte, uma comercialização crescentemente bem-sucedida da memória pela indústria cultural

do ocidente, sobretudo no contexto daquilo que a sociedade alemã chamou de *Erlebnisgesellschaft*, termo que se refere a "uma sociedade que privilegia experiências intensas, mas superficiais, orientadas para alegrias instantâneas no presente e o rápido consumo de bens, eventos culturais e estilos de vida associados ao consumo de massa". (HUYSSSEN, 2000, p. 39). Além disso, para o teórico, muitas das memórias que temos são comercializadas em massa, são consumidas, seja através da mídia ou de objetos. Sendo assim, "são "memórias imaginadas" e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que as memórias vividas" (HUYSSSEN, 2000, p. 18).

Em seguida, veremos como Félix Ventura, protagonista do romance *O vendedor de passados*, trabalha com o "tráfico de memórias", isto é, vende passados secretamente, como se fossem verdadeiros, e não mera ficção. Além disso, busca-se pensar se essas memórias comercializadas e imaginadas de fato funcionam ou podem funcionar como um novo presente dos comerciantes de Félix. A questão dos modos de recordação existentes na obra literária também serão comentados, uma vez que estes são também peças fundamentais para a construção do enredo.

179

O VENDEDOR DE PASSADOS. FÉLIX, SEUS CLIENTES E SEUS PASSADOS CONSTRUÍDOS

Ao vender passados, Félix Ventura faz comercialização de memórias fictícias, ou seja, memórias por ele criadas e vendidas para os clientes que o procuram. O albino era conhecido por alguns como um "homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína." (AGUALUSA, 2004, p. 16).

Em diálogo com José Buchmann, um de seus clientes, Félix fala sobre a sua clientela e o que ela deseja ao buscar seus serviços:

O VENDEDOR DE PASSADOS,
DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.18,
p. 175-192, mar. 2021
ISSN 2525-3441

Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes as árvores genealógica. Dá-lhes as fotografias de avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhores do tempo antigo (AGUALUSA, 2004, p. 17).



De acordo com o que o próprio Félix fala sobre seu trabalho, seus clientes costumam ser abastados financeiramente e, geralmente, procuram um passado digno de ser admirado por outras pessoas. A construção de uma nova árvore genealógica implica em um trabalho minucioso, feito com base em muitas pesquisas. O vendedor de passados tem em sua casa recortes de jornais, fitas cassetes, objetos antigos (decoração e ornamentos) e fotos das mais diversas épocas – todos elementos importantes para o seu trabalho e que ele guarda ao longo de anos. Além de milhares de livros que lê e consulta, os quais ajudam a construir um passado fictício mais verossímil possível, que esteja ligado com a história e a sociedade.

Ainda em relação ao seu trabalho, Félix Ventura acredita que se trata de um novo fazer literário, pois não fica somente nas páginas de livros e tem ligação com a realidade: "Acho que aquilo que faço é uma forma avançada de literatura [...]. Também eu crio enredos, invento personagens, mas em vez de os deixar presos dentro de um livro dou-lhes vida, atiro-os para a realidade" (AGUALUSA, 2004, p. 75).

Eulálio, a osga que narra o romance e que acompanha Félix em seu cotidiano, declara que "Félix costura a realidade com a ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e factos históricos" (AGUALUSA, 2004, p. 139). Essa construção de memórias passadas parece funcionar efetivamente, uma vez que, segundo a osga: "A nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias." (AGUALUSA, 2004, p. 139).

Faz-se necessário, a partir daqui, discutir sobre os clientes e seus passados fictícios, de autoria de Félix Ventura. Como o romance não foi estruturado cronologicamente, esta discussão tentará ser mais coesa possível para o entendimento da total história. O



primeiro cliente apresentado no romance é José Buchmann, comentado de modo geral acima; o segundo cliente é o Ministro e, por fim, há o mascarado. Os três têm objetivos distintos com seus “novos passados”, portanto, o modo de comercialização das memórias também é feito de modo distinto em cada caso.

Intercalada com a história de Buchmann, está a história de Ângela Lúcia, portanto, é impossível não mencioná-la ao trabalhar com o passado vendido para o primeiro cliente de Ventura.

José Buchmann não é apresentado com este nome logo no início do romance. Chega na casa de Félix de surpresa, sem telefonar e marcar horário: nesse momento é apenas “o estrangeiro”. Ele diz que teve muitos nomes, mas que quer esquecê-los e prefere que Félix o batize. Menciona também que é repórter fotográfico, ganhou a vida com imagens “de guerras, da fome e dos seus fantasmas, de desastres naturais, de grandes desgraças.” (AGUALUSA, 2004, p. 18), mas que precisa de um novo nome – não é dito o porquê nesse momento da narrativa – e de documentos nacionais e autênticos, que desse a ele uma nova identidade. De início, Félix não quer fazer o serviço, argumenta que não é um falsário, é apenas uma fabricante de sonhos, isto é, de vidas desejadas por seus clientes. No entanto, após receber um primeiro envelope de cinco mil dólares e ouvir a promessa de mais cinco mil dólares depois do serviço prestado, o albino repensa na questão e acaba fabricando o passado do estrangeiro.

Um capítulo do romance é dedicado ao nascimento do novo passado do estrangeiro misterioso, que passa a ser José Buchmann, 52 anos, natural da Chibia e fotógrafo. A partir desse momento, o narrador apresenta a preocupação histórica de Félix ao construir o passado de seu cliente e depois vendê-lo. Como veremos a seguir, o vendedor de passados trata de detalhar fatos da vida de seu cliente minuciosamente:

A vila de São Pedro, na Província da Huíla, no Sul do país foi fundada em 1884 por colonos madeirenses, mas já por ali prosperavam, criando gado, cultivando terra, e louvando a Deus pela graça de os ter deito nascer brancos em terra de pretos. [...] Chefiava o clã o comandante Jocus Botha. O seu lugar-tenente era um gigante ruivo e sombrio, Cornélio Buchmann, o qual casou, em 1898, com uma jovem madeirense, Marta Medeiros, de quem recebeu dois filhos. O mais velho, Pieter, morreu ainda criança. O mais novo, Mateus, foi um caçador famoso, servindo de guia, durante largos anos, a grupos de sul-

africanos e ingleses que chegavam a Angola em busca de emoções fortes. Casou tarde, já passara dos cinquenta, com uma artista americana, Eva Miller, e teve um único filho: José Buchamnn (AGUALUSA, 2004, p. 41).



Traçada parte da árvore genealógica de José Buchmann, Félix Ventura passa a mostrar os documentos para seu cliente, tais como: "o passaporte, o bilhete de identidade, a carta de condução. Havia também várias fotografias" (AGUALUSA, 2004, p. 41). Em uma das fotografias, estava o avô de Buchmann e, em outra, seus pais e ele próprio, com onze anos de idade. Félix faz questão de pontuar que o casamento dos pais de Buchmann não durou muito, pois meses depois da foto do casal com o filho, "Eva Miller partiu para a Cidade do Cabom numa viagem que deveria durar um mês, e nunca mais regressou" (AGUALUSA, 2004, p. 42). Mateus Buchmann escreveu para amigos pedindo notícias de sua mulher, mas não conseguiu nenhuma informação; deixou o filho com um empregado e foi à procura dela. José Buchmann pergunta se o pai encontrou sua esposa, mas Félix não respondeu, apenas deu uma pasta repleta de documentos para o seu cliente e avisou para que ele nunca pisasse na Chibia.

Como é possível perceber, documentos oficiais e fotos são documentos que comprovam o "novo passado" do estrangeiro misterioso, agora ele é Buchaman, com árvore genealógica traçada, documentos, fotos dos familiares e até mesmo uma revista com um artigo da Vogue, com uma aquarela assinada por sua mãe, Eva Miller. A comercialização da memória feita pelo albino Félix Ventura é um trabalho de atenção aos detalhes, sejam eles históricos, culturais, sociais e políticos, assim consegue dar vida às biografias construídas.

Um dos pontos importantes da narrativa de José Eduardo Agualusa e que faz com que a trama se movimente é que José Buchmann não aceita apenas aquelas informações sobre seu passado, tem sede de mais, quer vivenciar e experienciar de fato o seu passado e, conseqüentemente, seu novo futuro com outra identidade.

Por fim, Félix dá mais informações sobre Eva Miller: ela não regressou a Angola. "Um antigo cliente do pai, de famílias do Sul, como os Buchmann, o velho Bezerra, encontro-a uma tarde, por acaso, numa rua de Nova Iorque. Era uma senhora frágil, já de certa idade, que se



movia em meio à turba com uma lentidão aflita" (AGUALUSA, 2004, p. 44). A mãe de José Buchmann, trabalhava como decoradora de interiores, vivia sozinha em Manhattan, em um pequeno apartamento repleto de espelhos, os quais faziam com que ela não se sentisse sozinha, pois, ao entrar, ela estava acompanhada de uma multidão. Ainda não contente, Buchmann queria o contato de Bezerra, mas Félix, surpreso, comenta que o senhor morreu de cancro nos pulmões.

A partir de então, a narrativa entorno de Buchmann apresenta-o incorporando seu novo passado, como sendo verdadeiro. Sobre isso conta o narrador:

Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que ao princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho-o também mais expansivo. A rir, é já angolano. Além disso, tirou o bigode. Ficou mais jovem. (AGUALUSA, 2004, p. 60)

183

Além da visível mudança da aparência e modo de falar, José Buchmann fez o que Félix pediu para que não fizesse, viajou para Chibia em busca de mais informações e objetos ou documentos sobre seus familiares, os quais possam atestar ainda mais a verossimilhança de sua nova identidade. Assim como também foi em busca de vestígios sobre a mãe, Eva Miller. Algumas informações foram encontradas, alguns objetos e, desse modo, o personagem passou a construir as memórias comercializadas pelo albino africano Félix Ventura.

Outro ponto referente ao passado de Buchmann surge no capítulo "Edmundo Barata dos Reis", no qual o narrador nos conta sobre a noite em que o cliente de Félix aparece com "um velho de longas barbas brancas, uma trunfa grisalha, que lhe caía pelos ombros em tranças selvagens" (AGUALUSA, 2004, p. 157). Trata-se, segundo o narrador, do mendigo que há dias o fotógrafo perseguia, acompanhando-o por semanas. O homem nada mais era que um ex-agente do Ministério de Segurança do Estado. Aparentemente louco, ou se fazendo de louco, como mencionou Buchmann, dizia ser o último comunista do Equador, acreditava na reconversão da Rússia ao comunismo, entre outras coisas.

Diante disso, Buchmann ficou confuso, acreditando que o homem tinha mais a contar, poderia estar fingindo ser louco por algum motivo que desconhecia e desejava conhecê-lo melhor.



Numa noite, enquanto Félix dormia com Ângela em sua casa, bateu em sua porta Edmundo Barata dos Reis, com sua camisa ensanguentada e desesperado, falando que alguém está tentando matá-lo: José Buchmann. Por fim, o fotógrafo descobre que aquele homem, ex-ministro, foi responsável por catástrofes em sua vida passada, quando era Pedro Gouveia, também fotógrafo.

Quando José Buchmann ainda não existia, Pedro Gouveia, cidadão de origem portuguesa, foi torturado durante a Guerra Civil em 1977 e também foi preso. Saiu da cadeia somente em 1980 e foi enviado para Portugal, por Edmundo Barata. No entanto, já não tinha mais raízes no país e, depois que entrou em contato com fotógrafos, começou a se interessar por fotografia e fez um curso para se tornar fotógrafo. A partir de então, passou a sobreviver como repórter fotográfico, testemunhando os horrores enquanto fotografava guerras. Em uma ida à Lisboa, encontrou Edmundo em um restaurante por acaso, este contou que matou a mulher do fotógrafo, Marta, e que mataram sua filha, Ângela, ainda um bebê. Depois descobre que, na verdade, Ângela não foi morta, foi torturada na frente da mãe e depois entregaram-na à Marta, irmã de Marina, que tratou de criá-la como filha.

O desfecho desse episódio é que dá a chave de leitura do romance de José Eduardo Agualusa: Buchmann era Pedro Gouveia, pai de Ângela Lúcia. No entanto, o fotógrafo, nunca mencionou que, desde o começo sabia que a moça com quem Félix tinha um relacionamento era sua filha. Quando Ângela, que sabia alguns detalhes sobre sua origem e verdadeira família, percebeu que Pedro Gouveia era seu pai, atirou em Edmundo Barata dos Reis, na frente de Félix, no interior da casa dele.

Em um dos últimos sonhos do narrador Eulálio, apresentado no romance, ele comentou que teve uma conversa com Buchmann. Nesta conversa, o fotógrafo contou que tinha um objetivo quando decidiu procurar Félix

Ventura, o albino vendedor de passados: "Com outra identidade seria mais fácil circular pela cidade sem atrair



suspeitas. Podia matar Edmundo e desaparecer. Mas queria que ele soubesse porque ia morrer, queria confrontá-lo com seus crimes, no fundo, reconhecimento, queria vingar-me" (AGUALUSA, 2004, p. 193).

Por fim, resta comentar sobre dois outros personagens que aparecem muito brevemente em *O vendedor de Passados*. Trata-se do Ministro e o mascarado, ambos compraram memórias e tiveram uma nova árvore genealógica traçada por Félix Ventura. Nada é muito detalhado sobre a negociação entre o Félix e o Ministro, sabe-se que o homem desejava ter um passado mais vistoso e que despertasse orgulho. A nova árvore genealógica do Ministro foi denominada por Félix como sendo um objeto de arte: ele passou a ser neto de Alexandre Torres de Sá e Benevides, descendente de Salvador Correia de Sá e Benevides, ilustre carioca que libertou Luana dos holandeses em 1648; homem muito rico e primo de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro. Outros detalhes sobre o novo passado do Ministro foram apresentados e minuciosamente explicados.

185

Além do Ministro, há o mascarado. Um caso curioso, pois deste homem roubaram o rosto, um dia ele acordou e descobriu que lhe fizeram uma operação plástica. Acordou em uma clínica, com um postal e uma pasta cheia de dólares. Amigos não acreditaram em sua história, não conseguiram reconhecê-lo. Acabou se acostumando, pensou que aquilo seria uma oportunidade de ser um homem livre, sem responsabilidades, ódios, rancores ou intrigas. O mascarado busca Félix porque deseja "um passado humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável." (AGUALUSA, 2004, p. 186). E mais uma vez Félix faz a comercialização da memória, mas de um modo não costumeiro, seu cliente não quer glória, um passado repleto de familiares e feitos heroicos.

MODOS DE RECORDAÇÃO: A MEMÓRIA DA FOTOGRAFIA, DO CORPO E DA ESCRITA

O romance *O vendedor de passados* (2004), de José Eduardo Agualusa, é repleto de questões que envolvem a memória: a comercialização da memória, temática



abordada acima; a rememoração dos sonhos, sempre feitos pelo narrador do romance, Eulálio, uma osga que em uma vida passada em que era um ser humano; também a memória dos personagens é apresentada, como expresso pelo passado de Pedro Gouveia, Ângela Lucia e até do próprio Félix Ventura, que quando criança foi abandonado na porta daquele que foi seu pai de criação. Além disso, é mencionado no romance inúmeros fatores que também retomam a questão da memória, sobretudo no que diz respeito à recordação. São eles: a fotografia, o corpo e a escrita. Para estudar tais fatores, é fundamental o livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), de Aleida Assmann.

Há um importante material de trabalho comum para Félix Ventura, José Buchmann e Ângela Lucia: trata-se da fotografia, a qual pode funcionar para recordação, bem como uma tentativa de eternização de momentos passados. Fotografias são capazes de nos fazer resgatar memórias das quais não lembrávamos mais e também podem servir como documentos importantes ou até provas de algum acontecimento, como em casos policiais, por exemplo.

Assmann (2011) coloca a fotografia como uma analogia da recordação, uma vez que é considerada um indício seguro de um passado que não existe mais: "A fotografia preserva desse momento do passado um vestígio do real com que o presente está ligado por contiguidade, por contato" (ASSMANN, 2011, p. 238). A autora defende que a fotografia é uma referência literal do passado e que esta supera todos os demais *media* de memória:

[...] por seu caráter indexador ela proporciona uma comprovação (justamente criminológica) da existência de um determinado passado. Esse auxílio pode ter contornos de granulação fina e foco excelente, mas não fala. Eis por que a memória das fotografias, excelente e inesgotável, assume vida própria como recordação fantasmagórica, tão logo se suspenda o texto narrativo e comunicativo que as emoldura (ASSMANN, 2011, p. 238).

A estudiosa pontua que, por vezes, a fotografia retraduz as imagens da memória, como uma recordação viva, capaz de ser revista. A fotografia, portanto, segundo a pesquisadora, seria um meio de referenciar e de comprovar um evento passado. Por meio da fotografia,



podemos materializar momentos que ficariam somente em nossa memória.

No romance *O vendedor de passados*, a fotografia é frequentemente citada. Para Félix Ventura, ela funciona como objeto capaz de construir uma nova árvore genealógica para seus clientes. A partir das fotos, Félix comprova passados que criou: ele entrega aos seus clientes fotos de sua nova família e, desse modo, tendo tais fotos em mãos, os seus clientes podem comprovar seu passado. Além disso, Félix também utiliza recortes de jornais para demarcar e comprovar atividades ou trabalhos efetuados pelos familiares fictícios de seus clientes. Nos recortes de jornais, além de textos, apresentam-se fotografias desses familiares. Nesse sentido, as fotografias funcionam como documentos que atestam a veracidade da "nova vida" de seus clientes.

José Buchmann, por sua vez, tinha como profissão a fotografia, mesmo quando ainda era apenas Pedro Gouveia. Como mencionado, Pedro Gouveia sobrevivia como repórter fotográfico, era testemunha de atrocidades de guerras. Em um jantar com Félix e Ângela, ainda fingindo que não sabia que a moça era a sua filha, o fotógrafo contou que foi testemunha de diversos conflitos do mundo no final do século XX enquanto trabalhava fotografando. No entanto, Ângela, interrompe-o dizendo "Basta! Não quero que as suas memórias deixem esta casa suja de sangue" (AGUALUSA, 2004, p. 82). Buchmann parecia querer narrar suas experiências durante as guerras, que são eventos traumáticos, nas quais estava presente fotografando.

O personagem queria testemunhar as suas vivências e não silenciar, mas é impedido por Ângela Lúcia. Este processo de testemunho dos eventos, o qual não foi de fato concretizado, é o que o professor e crítico literário Márcio Seligmann-Silva (2008) denomina como "Narrar o trauma". Segundo ele, esse silenciamento evita o testemunho, uma vez que "sem nossa vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe testemunho" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72). Buchmann passa pelo processo de silenciamento, pois Ângela não se apresenta disposta a carregar as memórias narradas pelo fotógrafo.

Já na vida de Ângela Lúcia a fotografia se apresenta de outro modo. Suas experiências com a fotografia se



resumem às belas paisagens dos países e cidades por onde passou; fazia experiências fotográficas com a luz solar de diversos ambientes. Tais fotografias mantinham vivas as memórias da fotógrafa, faziam com que recordassem por meio das imagens momentos e fatos vivenciados em inúmeros países pelos quais passou.

Quase no fim do romance, quando o leitor já informado que José Buchmann foi Pedro Gouveia no passado e é pai de Ângela, há um diálogo entre Eulálio e Buchmann que existiu em um sonho da osga, no qual é mencionado que o interesse de Ângela pela fotografia veio por causa do pai. Já na vida adulta, ao saber dos pais de criação quem era seu verdadeiro pai, a moça zangou-se e foi para Londres, Nova Iorque, tornou-se nômade e também fotógrafa, assim como seu pai biológico. Aparentemente, fez isso numa tentativa de estar mais próxima de seu pai, ou daquilo que o caracterizava.

Deixando a fotografia de lado, outro fato importante sobre Ângela Lúcia e que também se refere às questões memorialísticas são as marcas que ela carrega em seu corpo. Em um certo dia, enquanto Félix e a fotógrafa são tomados pelo desejo e, depois da relação sexual, Ângela vai tomar um banho; enquanto isso, o narrador conta que o corpo da jovem possuía marcas. Tais marcas não são apenas feridas que foram cicatrizadas, são marcas de uma história, de um passado que se faz presente não só em suas lembranças, mas em seu corpo. Tais marcas evidenciam a materialização da memória, são representações da tortura que Ângela sofreu, ainda bebê, durante a Guerra Civil.

Marcas no corpo são denominadas por Aleida Assmann como escritas do corpo. As marcas do corpo são discutidas pela autora como uma relação entre dor e memória corporal. Essa memória do corpo "se fixa, mesmo depois do alívio da dor, em traços e cicatrizes" (ASSMANN, 2011, p. 264). Ela pontua, seguindo as ideias de Pierre Clastres, que as marcas impedem o esquecimento, pois o corpo carrega em si marcas da memória. O corpo, nesse sentido, pode carregar uma escrita duradoura que caracteriza um

trauma vivenciado. Defende, ainda, que "A memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória



mental. Embora esta se esfaçale na velhice, o que é de esperar, aquela nada terá perdido de sua força" (ASSMANN, 2011, p. 265). Sendo assim, pode-se atestar que as marcas no corpo da personagem Ângela Lúcia são vestígios duradouros e confiáveis de seu passado, são uma espécie de memória escrita no corpo.

O romance é finalizado com Félix começando a escrever um diário. Ele inicia seu diário relatando a morte de Eulálio, que morreu em combate com um escorpião. O protagonista comenta, ainda, que seu intuito com a escrita desse diário é ter a ilusão de que alguém o escuta, alguém como seu fiel companheiro Eulálio.

A seguir, Félix mencionou que cada vez mais suas memórias parecem um sonho, porque vão se esvaindo. Pensa que talvez tudo tenha sido um sonho: Eulálio, José Buchmann, Edumundo Barata e, inclusive, Ângela Lúcia. Esta, por sua vez, o comerciante de passados declara que se a sonhou, sonhou-a muito bem; ainda recebe postais dela, compra objetos que não só remetem a ela, mas que mantêm vivo, em sua memória, momentos que passou junto a ela. Félix também fala em seus escritos que pretende encontrar Ângela Lúcia e que já está de passagens compradas para encontrá-la no Rio de Janeiro.

O que parece é que Félix Ventura trabalha com a ideia da escrita como fonte de preservação da memória. Aleida Assmann assevera que "a escrita promove a apatia de memória" (ASSMANN, 2011, p. 200). Para a pesquisadora, a escrita é tanto um *medium* da memória quanto um suporte da memória: "A escrita é, ao mesmo tempo, *medium* e metáfora da memória. O procedimento de anotação e da inscrição é a mais antiga, e através da história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória." (ASSMANN, 2011, p.199). No entanto, ressalta que o gesto de escrever e gravar, embora seja análogo à memória, também já foi visto como antípoda, antagonista e destruidor da memória.

Nesse sentido, o que Félix parece buscar com a escrita de seu diário é eternizar momentos e histórias, para que elas não sejam apagadas de fato, mesmo quando esquecidas por ele. O registro da escrita em seu diário não só é o meio de promover a eternização da memória, mas permite também que ele, com a releitura de seu diário,

relembre fatos, sensações e sentimentos passados, como o dia em que sua osga morreu e sua decisão de encontrar sua amada no Rio de Janeiro, mesmo que ele não tenha um endereço sequer de Ângela Lúcia.



CONCLUSÃO

Em *O vendedor de Passados* (2004), romance de José Eduardo Agualusa, o narrador é uma osga que conta os fatos quem envolvem Félix Ventura, um albino africano que vende passados para aqueles que o procuram em busca de uma nova identidade. Félix comercializa memória ao traçar para seus clientes uma nova árvore genealógica. Seu trabalho é feito com base em muito estudo e respeitando questões históricas e culturais de países como Angola, Portugal e Brasil.

Para o estudo da comercialização da memória no romance de autoria de Agualusa, os pressupostos teóricos de Andreas Huyssen, no livro *Seduzidos pela memória* (2000), foram fundamentais, uma vez que o autor acredita que há inúmeras formas de vender a memória. O teórico trabalha com as questões referentes ao comércio de memória por meio de objetos de decoração, móveis, utensílios domésticos, roupas e sapatos. Evidentemente, não aborda a questão da venda de passados, isto é, a criação de uma nova árvore genealógica para ser vendida a interessados, pois isso ainda parece bastante fictício para um mundo real.

Para dar verossimilhança aos passados fictícios que cria, Félix lê muitos livros sobre história e cultura; lê muitos jornais e revistas, e guarda recortes das notícias e fatos que o interessam; assiste a muitos vídeos; preserva um acervo de fotos, objetos de decoração e ornamentos antigos. Tudo isso serve de auxílio para a construção dos passados, o que depois culmina na comercialização da memória.

É importante notar o que motiva os clientes de Félix a querer um novo passado: na maioria das vezes, buscam um passado do qual possam se orgulhar; buscam o esquecimento do passado e um nascer de novo. No romance de Agualusa, há uma tentativa de



apagamento ou esquecimento do passado, o que “é uma forma de se construir uma nova identidade” (COSTA, 2014, p. 107).

No entanto, como é possível perceber no caso de José Buchamann é que a memória, mesmo quando construída com muita atenção e detalhes por Félix Ventura, deixa lacunas. As informações faltam, algumas histórias não possuem explicação satisfatória, porque aquelas memórias passadas não foram vivenciadas por Buchamann. São memórias forjadas, construídas como se fossem uma ficção e, em seguida, comercializadas.

Para além da questão da comercialização da memória, há outro aspecto importante no romance: os modos de recordação. Tais como a fotografia, as escritas do corpo e a escrita propriamente dita – questões abordadas na obra *Espaços da recordação* (2011), de Aleida Asmann. Portanto, a narrativa apresenta meios de recordar memórias passadas, seja voluntariamente, por meio de fotografias ou leitura de escritos, jornais, revistas e livros, ou involuntariamente, devido a um evento traumático que deixou marcas no corpo, como é o caso das cicatrizes que Ângela Lúcia carrega no corpo e que atestam fatos de seu passado.

Diante disso, chegamos a conclusão de que Félix pode até construir memórias magistralmente, devido ao seu empenho e sua atenção quanto aspectos da história, sociedade e cultura, no entanto, tal como na vida real, a memória é repleta de lacunas, de espaços vazios que não se preenchem totalmente, mesmo com um perfeccionismo exacerbado. Por outro lado, elementos de recordação podem trazer à tona vivências até então desconhecidas, esquecidas ou até mesmo asfixiadas por um trauma. Uma foto pode ajudar a construir e ressignificar toda uma história de vida, assim como uma cicatriz pode nos apontar resquícios de um passado violento e doloroso.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

O VENDEDOR DE PASSADOS,
DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.18,
p. 175-192, mar. 2021
ISSN 2525-3441

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

COSTA, Lucas Esperança da. **Reféns da memória**: a tentativa de construção da identidade através do apagamento da memória. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008, p. 65-82.



Recebido em 18 de agosto de 2020.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2021.

192

O VENDEDOR DE PASSADOS, BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: MARKETING OF MEMORY AND WAYS OF REMEMBRANCE

Abstract: This work presents a study by *O vendedor de passados* (2004), by José Eduardo Agualusa. Narrated by an osga (lizard), that tells the story of Félix Ventura, a man who sells the past to those who want a new family tree, new memories and new identity. The aim was, therefore, to investigate what Andreas Huyssen calls the "marketing of memory" and also the modes of remembrance presented throughout Agualusa's novel. Andreas Huyssen (2000); Aleida Asmann (2011); Lucas Esperança da Costa (2014) and Selligmann-Silva (2008) were instrumental in the development of this work. The conclusion brings a discussion about the extent to which the narrative presents non-traditional forms of memory commercialization, in addition to showing ways of remembering memories in a voluntary and involuntary way, through, for example, scars that a body can carry.

Keywords: O vendedor de passados; Marketing of memory; Remembrance.